

ENCANTAMENTO COMO TECNOLOGIA PARA A MEDIAÇÃO: ARTE, ANCESTRALIDADE E INFÂNCIAS

Kiusam de Oliveira¹

Mediar é muito mais do que facilitar um ambiente, ficar no meio, ser um terceiro imparcial como alguns dicionários trazem. Educadores têm na literatura espaço seguro para o desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças através da leitura e contação de histórias. São os mediadores entre a criança, o livro, a história e o mundo. Para mim, enquanto intelectual, educadora e escritora, busco pensar a mediação de forma negrorreferenciada e, nesse sentido, ela deve partir da tecnologia do *encantamento* que a faz ser entendida como um ato político, mas não só: também poético e ancestral com o propósito de relembrar conexões perdidas. Partirei de dois territórios epistemológicos, politizados, afetivos e ancestralizados criados por mim: a Pedagogia Eco-Ancestral e a Literatura Negro-Brasileira do Encantamento Infantil e Juvenil (LINEBEIJU).

A Pedagogia Eco-Ancestral é feminina e negra, se opõe ao colonialismo, à colonialidade e à branquitude que continuam reafirmando a desumanidade de negros e indígenas, “...propondo uma forma de ser-pesquisar-conhecer-pensar-juntar-articular-agir que reconheça o continente africano como o berço da humanidade ...” (Oliveira, 2019). Aqui, a Arte é sempre sagrada, portanto, não é expressão individual: é coletiva e se dá através de um ato de *mediação ancestral*, em que o artista é aquele que manifesta a Arte através do *axé (força vital)*, guiado pela ética negra ancestral (*iwà pélé*), pela responsabilidade comunitária em manter as histórias vivas e pela beleza que na cultura iorubá está sempre ligada à capacidade de regenerar os tecidos social e espiritual. Literatura é Arte e a LINEBEIJU atua com intencionalidade de cura nesse campo, quando propõe se comunicar primeiramente com a memória do coração, para que assim, a cabeça responda de outra forma, nas sociedades ocidentais. Arte não é entretenimento: é manifestação do sagrado expressa através de sons, gestos, palavras, objetos, elementos materiais, danças, músicas, esculturas, máscaras, tecelagens, silêncios, meditações, elementos da natureza, com a função exata de curar, ensinar, harmonizar, fortalecer, empoderar e coletivizar.

Há infâncias não somente nos corpos infantis: pessoas adultas/idosas também abrigam infâncias, tendo, assim, a possibilidade de compreenderem que “... os corpos são perecíveis e fenecem, mas a infância não...” (Oliveira, 2019), podendo e devendo ser cultivadas a vida inteira, a fim de que se mantenham como chamadas ativas, memórias vivas na continuidade do legado ancestral para que se perpetue. Mediar no campo das Artes, nesse sentido, é possibilitar que a criança reconheça e valorize sua própria história, seu corpo e corporeidade, sua cor, sonho, cultura e religiosidade, para que possa existir no mundo com dignidade e potência, tal e qual seus ancestrais. Portanto, criança é sujeito de direito pleno de *axé (energia vital)*, pertencente a uma coletividade que a apoia e a projeta para um hoje futurístico. As infâncias são plurais, inclusive as negras, sendo consideradas territórios de encanto e resistência que possibilitam para essas, a criação do corpo-templo-

¹ Vereadora/Santo André. Pedagoga habilitada em Administração Escolar, Orientação Educacional e Deficiência Intelectual (FSA/USP). Doutora em Cultura, Organização e Educação e Mestre em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo. Pesquisadora NEAB-UFES. Defende dois campos teóricos: LINEBEIJU e Pedagogia Eco-ancestral. Fundadora e Diretora Executiva da Editora Osibatá. Formadora de profissionais da educação na perspectiva antirracista. Escritora e mentora em literatura antirracista (LINEBEIJU). Produtora Cultural. Artista multimídia. Bailarina, coreógrafa, contadora de histórias, roteirista.

resistência (Oliveira, 2019) onde brincar, aprender e sonhar são atos corajosos de posicionamentos político, lúdico e espiritual.

Entender a mediação em Artes dentro da perspectiva eco-ancestral, exige um olhar e práticas educativas negrorreferenciadas que honram as memórias, a ancestralidade, a corporeidade e a diversidade, protegem esse corpo-templo a partir da resistência e fortalecem a identidade negra desde a útera. A Arte, aqui, é mais do que expressão estética — é afirmação, é pertencimento consagrado, é cuidado com o planeta e com todas as formas de vida, em todas as formas, os tempos e os espaços. O olhar, a escuta e o gesto são acolhimento e a experiência é ritual didaticamente planejado. Só assim, é possível apoiar criança a criar e recriar os mundos em que vive, reconhecendo-se como protagonista, como autora. Ser mediadora em Artes é assumir a responsabilidade de garantir que todas as crianças — especialmente aquelas historicamente invisibilizadas — tenham acesso à beleza, à verdade, ao conhecimento, ao direito de sonhar para que se tornem hábeis na cocriação com sua ancestralidade, atuando em realidades dignas para bem-viver. Tudo isso, a partir do uso da tecnologia do encantamento na perspectiva eco-ancestral, como base didático-pedagógica para transformar uma mediação em experiência educativa de valor, em territórios reais de cura ancestral.

Referência

OLIVEIRA, Kiusam Regina de. Pedagogia da Ancestralidade. SESC São Paulo, São Paulo, 18 de julho de 2019. Disponível em: <https://www.sescsp.org.br/editorial/pedagogia-da-ancestralidade/>. Acesso em: 10/08/2025.